10.35355/revistafenix.v22i1.1332

Revista de História e Estudos Culturais
Janeiro - Junho de 2025 Vol. 22 Ano 22 nº 1
www.revistafenix.pro.br ISSN 1807-6971

A EDUCAÇÃO DE QUALIDADE NA AGENDA 2030-ONU: UMA VISADA DISSIDENTE

QUALITY EDUCATION IN THE 2030-UN AGENDA: A DISSIDENT VIEW

Marcelo Manoel de Sousa*
Universidade Federal do Piauí – UFPI
https://orcid.org/0000-0003-3008-2871
mmsponto@gmail.com

Saraí Patrícia Schmidt**
Universidade Feevale
https://orcid.org/0000-0001-8795-3100
saraischmidt@feevale.br

RESUMO: A educação de qualidade na Agenda 2030-ONU: uma visada dissidente, é o tema proposto na análise das relações entre neoliberalismo e educação de qualidade na formação de uma específica identidade de sujeito. Para encaminhar o estudo, a fundamentação baseou-se nos argumentos de Bauman (2013, 2015) e suas discussões a respeito das desigualdades sociais, de Bourdieu (1998, 2001), no que se refere ao neoliberalismo como política social produtora de exclusões sociais; Silva (2013, 2015), que aborda diretamente a ofensiva neoliberal no âmbito da educação pública; e Charaudeau (2016) e seu conceito de discurso como ato de linguagem específico. Enquanto pesquisa qualitativa, foi realizada pesquisa bibliográfica e documental, considerando a análise de discurso do conceito de Educação de Qualidade (Agenda 2030-ONU). Os resultados apontam que a ideia de Educação de Qualidade é neoliberal, pretendendo, não obstante, treinar indivíduos capazes de empreender eficientemente em uma arena de alta competitividade individual – isto é, a luta de todos contra todos, ampliando e aprofundando desigualdades materiais e culturais já presentes na sociedade contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Neoliberalismo; desigualdades sociais; educação de qualidade.

---

* Doutor em Processos e Manifestações Culturais, pela Universidade Feevale (FEEVALE/RS). Mestre em Educação, pela Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVÁS/MG). Especialista em psicopedagogia, pela Universidade Cândido Mendes (UCAM/MG). Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Mauá (FAMA/SP). Atualmente Pedagogo da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Tutor da Licenciatura em Pedagogia, na Universidade Estadual do Piauí (UESPI).

** Jornalista com Doutorado e Mestrado em Educação na linha dos Estudos Culturais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente dos Programas de Pós-Graduação Processos e Manifestações Culturais e Inclusão Social e Diversidade Cultural da Universidade Feevale.

ABSTRACT: Quality education in the UN 2030 Agenda: a dissident view, is the theme proposed in the analysis of the relationship between neoliberalism and quality education in the formation of a specific subject identity. To forward the study, the reasoning was based on the arguments of Bauman (2013, 2015) and his discussions about social inequalities, of Bourdieu (1998, 2001), with regard to neoliberalism as a social policy that produces social exclusions; Silva (2013, 2015), who directly addresses the neoliberal offensive in the field of public education; and Charaudeau (2016) and his concept of discourse as a specific language act. As a qualitative research, bibliographical and documentary research was carried out, considering the discourse analysis of the concept of Quality Education (Agenda 2030-UN). The results indicate that the idea of Quality Education is neoliberal, intending, nevertheless, to train individuals capable of undertaking efficiently in an arena of high individual competitiveness - that is, the fight of all against all, expanding and deepening material and cultural inequalities already present in contemporary society.

KEYWORDS: Neoliberalism; social differences; quality education.

INTRODUÇÃO

Educação de Qualidade da Agenda 2030-ONU é um conceito controverso. Se por um lado o argumento se orienta pela melhoria das práticas educativas, por outro, é um conceito advindo de instâncias politicamente interessadas na unificação econômica. Posto isto, a razão da presente pesquisa está na percepção de que a educação oferecida pela escola pública pode consciente, ou inconscientemente, ajudar na propagação de discursos que estariam mais voltados para a manutenção e aprofundamento das desigualdades sociais, do que propriamente para a inclusão de grupos e indivíduos sociais e culturais historicamente impelidos à subalternização. O neoliberalismo observado como política internacional discursiva, pode subsumir-se em documentos legitimados (como científicos) no intuito de impor ou convencer acerca da necessidade da *formação* de uma mentalidade calculadora: a escola, com sua organização da cultura, pode veicular princípios e valores – como competitividade, individualismo, neutralidade, etc., incitando a crença em um sistema de relações desiguais. No fim, estará a luta de todos contra todos, gerando uma arena de violência sem fim.

www.revistafenix.pro.br

Nesse cenário, se pretende analisar a relação da qualidade na educação com a noção bourdieusiana de mentalidade calculadora a partir do Objetivo 4, contido na Agenda 2030-ONU. Para tanto, foi formulado o seguinte problema: por que a mentalidade calculadora não pode direcionar a Educação de Qualidade na escola pública? Mediante tal questão, foi estruturada uma pesquisa bibliográfica e documental, considerando a análise de discurso como instrumento interpretativo dos argumentos e discussões entorno da qualidade na educação. Nisso, destacam-se alguns autores na construção da análise, tais como: Bauman (2013, 2015), ao contribuir na discussão sobre as desigualdades sociais e sua naturalização como forma de perpetuar-se; Bourdieu (1998, 2001), em sua discussão aprofundada a respeito dos efeitos negativos das crenças no neoliberalismo, salientando a imposição do espírito capitalista pela mentalidade

calculadora; Silva (2013, 2015), cujos argumentos estão alinhados com as questões neoliberais na escola, no intuito de analisar o currículo (artefato que está sempre envolvido em relações de poder) como direcionado na formação de um determinado sujeito; Charaudeau (2016) e sua ideia de discurso como um ato de linguagem particular; e o sujeito com identidade descentrada de Hall (2014, 2019).

O estudo está dividido em três seções fundamentais: primeiramente, foi problematizado a noção de indivíduo neoliberal, o qual seria *formado* por uma suposta educação de qualidade; em seguida, formulou-se um itinerário metodológico com a apresentação do corpus de análise; e em terceiro, ressalta-se a análise propriamente dita, com o propósito de estabelecer interconexões entre o pensamento neoliberal e o objeto selecionado, interpretando-o como mais um discurso potente na manutenção e aprofundamento das desigualdades sociais.

A EDUCAÇÃO DE QUALIDADE NA AGENDA 2030-ONU

> A doutrina liberal é a favor do emprego mais efetivo das forças da concorrência como um meio de coordenar os esforços humanos e não de deixar as coisas como estão. Baseia-se na convicção de que, onde exista a concorrência efetiva, ela sempre se revelará a melhor maneira de orientar os esforços individuais (HAYEK, 2022, p. 92).

www.revistafenix.pro.br

Os sujeitos permanecem coexistindo em uma sociedade predominantemente capitalista, em que o lucro e as regalias individuais são valores fortemente encorajados. (BOURDIEU, 1998; BAUMAN, 2013). Nesse contexto, uma nova ordem é sancionada, onde o indivíduo sozinho e livre se coloca como central. Com isso, se contrapõe à questão social na qual estaria contemplada as demandas coletivas e públicas dos grupos marginalizados. A intervenção da política econômica no seio da sociedade pretende excluir as representações coletivas, bem como, deixar cada indivíduo por sua própria sorte. Nessa perspectiva, os autores críticos alertam sobre um possível aprofundamento dos problemas que já se encontram atingindo gravemente as pessoas menos incluídas nas benesses econômicas e culturais.

A respeito desse horizonte problemático, Bourdieu (1998, 2001) leva a refletir sobre os perversos efeitos da globalização mundial metamorfoseados dos mercados financeiros. Globalizar-se para melhor controlar os indivíduos, como diria Bauman

(2015), transforma-os em meros consumidores especializados. Nisso, a Educação de Qualidade, por meio de seu repertório cultural, adquire relevante papel. Segundo Charlot (213), o conceito de Educação de Qualidade emerge das orientações neoliberais da OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. O próprio Bourdieu (1998), ao desenvolver suas críticas quanto ao uso abusivo da razão e a consequente produção de uma espécie de poder coercitivo, afirma que "o imperialismo se vale da legitimidade das instâncias internacionais" (BOURDIEU, 1998, p. 31), podendo, dessa maneira, se propagar pelo globo. A Educação de Qualidade contido na Agenda 2030-ONU estaria praticando esse jogo?

A globalização econômica dos mercados financeiros, é importante observar, alicerça-se na pretensão de grupos individuais em internacionalizar seus poderes (BOURDIEU, 2001), e por esse motivo, o uso das instâncias internacionais é percebido enquanto mecanismos veiculares de alto valor. Segundo Silva (2015), a luta contra esse modelo de sociedade, de modo geral, tem se baseado em duas premissas: a primeira refere o mercado como principal regulador da vida social e econômica, e a segunda aglutina-se à ideia de que domínios, tais como a saúde e educação, podem perfeitamente funcionar como mercados. Mas, também, os obstáculos enfrentados pela ofensiva neoliberal na execução eficaz desse projeto são suprimidos enquanto resultado de lutas históricas que, conforme Silva (2015), não se voltam contra os inerentes efeitos benéficos, mas, sim, aos deletérios efeitos do capitalismo para os grupos subalternos na escala social. Esta noção se encontra relacionada aos valores e princípios julgados mais coerentes com uma sociedade democrática, a exemplo de: solidariedade, coletividade, colaboração e empatia, entre outros fatores que possam servir para fundar um Estado verdadeiramente social, tal como entendido por Bourdieu (1998).

www.revistafenix.pro.br

Dessa maneira, é preciso verificar o que realmente pode ser entendido como Educação de Qualidade, assim como as habilidades e competências a serem adquiridas no âmbito da escola pública – temas vastamente contemplados na BNCC, também orientada pela Agenda 2030-ONU. Uma das questões contundentes, e que segue a linha de coerência abordada na presente análise, é o argumento do geógrafo David Harvey (2014) ao salientar como o peso do fracasso é colocado sobre os ombros do indivíduo, em detrimento da crítica a uma modelização social específica, e que se torna cada vez mais evidente em suas consequências negativas,

> O sucesso e o fracasso individuais são interpretados em termos de virtudes empreendedoras ou de falhas pessoais (*como não investir o suficiente em seu próprio capital humano por meio da educação*), em

> vez de atribuídos a alguma propriedade sistêmica (como as exclusões de classe que se costumam atribuir ao capitalismo). (HARVEY, 2014, p. 76, grifo nosso).

Esse trecho ressalta como o Estado neoliberal compreende que deve ser, após possíveis fracassos, o que compete da situação do indivíduo deixado a seus possíveis recursos. Percebe-se um argumento a favor da dicotomia entre individual e coletividade; estranhamente, o indivíduo é visto como autônomo e livre, principalmente para empreender e fechar negócios comerciais. Todavia, mesmo envolvido na teia social, lhes são impressas toda má sorte, de fracasso, e exclusão. Nisso, pretensamente seria dada para a educação escolar um poder que, talvez, não tenha todo efeito desejado, sendo que, em uma sociedade de relações precarizadas (BOURDIEU, 1998; BAUMAN, 2015) devido a seu modelo presente, dificilmente se poderia esperar outra postura. No universo de competição desencadeado pelo neoliberalismo como uma de suas principais ferramentas estruturais, "as vítimas da competição são publicamente responsabilizadas pela desigualdade social.". (BAUMAN, 2015, p. 62). Inclusive, ainda conforme o autor, a vítima tende a concordar com tal violência, e diante dessa percepção, entende-se que, aqui, entre outros meios, a mídia e a pedagogia teriam tarefa relevante.

A Educação de Qualidade, em sua mais estreita acepção, está interconectada *à formação* de empreendedores; o sujeito empresário de si mesmo, competente, habilidoso em competir e buscar vencer na corrida dos privilégios individuais ao ativar credenciais adquiridas às suas próprias custas. Não obstante, segundo Sacristán (2015, p.16), o mercado é quem regula a Educação de Qualidade, a qual busca obstinadamente por uma "eficácia mensurável", ocasionando em um desgaste do pensamento criativo que especula, descobre e critica. Sacristán (2015) acrescenta que, por ser uma visão que carece de solidariedade, não importaria a quem favorece e a quem prejudica, pois, a visão economicista desconsidera os reparos morais que poderiam ser feitos. Na vida, diz o autor, existem outras dimensões para além dessa tacanha percepção.

Nessa conjuntura, o conceito de formação é substituído pelo conceito de competências, e a educação é instada como treinamento de habilidades utilitárias. Além disso, Sacristán (2015) ressalta que essa conversão ocorre pela necessidade de dar ênfase aos benefícios que o sujeito educado, pessoalmente, pode obter. Essa nova forma da educação pode incluir a reconfiguração que Sader (2012) aborda ao relatar que o neoliberalismo pretende transformar o processo histórico de todos os países, no que posicionaria como vilões do atraso econômico os sindicatos, as conquistas sociais, e as questões de igualdade, de justiça social e de equidade. Julga-se, então, que a

transformação da formação integral pressuposta nas colocações de Sacristán (2015), em aquisição de competências e habilidades utilitaristas, se encaixam nesse projeto reconversor do social. Nas palavras de Anderson (2012, p.22),

> Tudo que podemos dizer é que este é um movimento ideológico, em escala verdadeiramente mundial, como o capitalismo jamais havia produzido no passado. Trata-se de um corpo de doutrina coerente, autoconsciente, militante, lucidamente decidido a transformar todo o mundo à sua imagem, em sua ambição estrutural e sua extensão internacional.

Embora Hall (2019) já tenha informado da existência de pelo menos três sujeitos culturais predominantes – o sujeito moderno, sociológico e o pós-moderno –, parece persistir, por meio desse discurso ideológico, a reiterada reposição daquele primeiro sujeito que, segundo Hall (2019), tem um formato fixo e unitário, ou matematicamente cartesiano. Nesse sentido, tal sujeito seria autônomo e autoconsciente, bem próximo do sujeito individualista liberal, que dispensa as questões sociais como obstáculos à sua corrida desenfreada rumo ao *adversário* e em busca do seu sucesso. Assim, tem-se indicações do distanciamento da noção que, hoje, aparece como mais contemporânea – a do sujeito descentrado que usufrui das identidades produzidas nas relações sociais com outros sujeitos, com suas diferentes identidades. Conforme Bakhtin (2011, p. 294-295), "nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados [...] é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância" e "o falante não é um Adão bíblico, só relacionado com objetos virgens ainda não nomeados, aos quais dá nome pela primeira vez.". (BAKHTIN, 2011, p. 300). Com isso, o sujeito é descentrado e relacional. (HALL, 2014; WOODWARD, 2014; SILVA, 2014). Uma análise dos fatores que propiciaram o descentramento do sujeito cartesiano foi estudada em Hall (2019); sinaliza-se, aqui, que o sujeito liberal é uma instância datada que o neoliberalismo pretende, e pode estar conseguindo, imprimir em documentos da educação pública, o que pode ser fortemente contrário a uma nova noção de sujeito politizado contemporâneo, de formação mais ampla e que não esteja restrito à mesquinhez das demandas do mercado.

Como afirmado por Sacristán (2015), que não importa a quem beneficie esse sistema discursivo, que pretende regular e dominar a vida individual e coletiva, simplesmente, não favorece uma sociedade em que se possa habitar democraticamente democrática. Isso porque as sugestões incorporadas nesse modelo de sociedade, pensando no âmbito da educação, se associam mais ao que Bourdieu (2015) e Passeron (2018) designam de *igualdade formal* – visto que a desigualdade é um dos princípios

básicos do neoliberalismo. Lansley (em sua obra – *The Cost of Inequality*, p. 141), ao ser citado por Bauman (2015), afirma que "segundo a ortodoxia econômica, uma boa dose de desigualdade leva a economias mais eficientes e crescimento mais rápido", e acrescenta, "isso se dá porque retornos mais altos e impostos menores no topo da escala – segundo afirmam – fomentam o empreendedorismo e engendram um bolo econômico maior." (LANSLEY apud BAUMAN, 2015, p. 24).

Ou seja, é moldada (uma sociedade neoliberamente organizada) para incluir apenas uma pequena parcela dos grupos sociais e culturais: os excelentes, eficazes, vencedores, etc. É, também, no interior desse questionamento que se busca compreender uma realidade social: aquela que, porventura, não precise necessariamente de um progresso em termos de *desenvolvimento* – mesmo que adjetivado de sustentável – *desenfreado*, ou, sem as regulações necessárias de um Estado Social, segundo Bourdieu (1998, 2001). De fato, aquela realidade que se volte para a repartição equitativa dos bens socialmente produzidos, materiais e simbólicos; e enquanto isso não ocorrer, se fará necessário repetir acerca da indispensabilidade de melhor educação de qualidade, e de mais igualdade social por meio de políticas públicas, as quais, muitas vezes, não são públicas em suas práticas. As palavras de Bourdieu (1998) são bastante sugestivas em relação ao discurso da *formação* do indivíduo vencedor,

www.revistafenix.pro.br

> [...] para resistir à prova, trabalhar para inventar e construir uma ordem social que não teria como única lei a busca do *interesse egoísta e a paixão individual do lucro*, e que daria lugar a coletivos orientados para a busca racional de fins coletivamente elaborados e aprovados. (BOURDIEU, 1998, p. 148, grifo nosso).

A tática da busca coletiva para construir fins coletivos é uma das posições defendidas por Bourdieu (1998), que do ponto de vista da presente análise, se insere como princípio inegociável na luta por melhores condições materiais e culturais de cada indivíduo. Nessas circunstâncias, o problema, cabe refletir, estaria na corrida egoísta na defesa de interesses individuais, somados à busca incansável pelos ganhos particulares, designando um caminho que primaria pela sobreposição indispensável ao Outro, ignorando suas condições iniciais no jogo da competição. Se no trecho acima, Bourdieu (1998) enfatiza que a ação coletiva deve ser por uma "busca racional", é porque, provavelmente, tem-se feito pela via irracional, baseada em paixões e egoísmos.

Portanto, o apelo da investigação aqui desenvolvida é para que não seja reforçado o treinamento dessa tipologia de identidade. No estudo de Collins e Bilge

(2020) as autoras ressaltam um discurso do Papa Francisco[1] no intuito de afirmar que a desigualdade econômica é a raiz de todo mal social. Acrescenta-se, contudo, que embora cada grupo social possua uma cultura legítima, há uma cultura dominante que se torna ferramenta irrevogável na luta contra as desigualdades sociais. A suposta ascensão social pela cultura escolar pressupõe esse capital cultural curricularizado, por ser mais elaborado e organizado para produzir o conhecimento, sendo essa a face produtiva da escola; ou seja, os problemas materiais não se separam das questões culturais. Espera-se que no espaço do currículo, caiba a análise da linguagem neoliberal como forma de dominação, principalmente porque, segundo Silva (2013, p.187), "o currículo está envolvido na produção de sujeitos particulares.".

Na lógica que se propõe esclarecer, sobressai o seguinte: 1) o neoliberalismo regula o mercado; 2) o mercado regula a Educação de Qualidade; 3) a Educação de Qualidade regula a *formação* do empreendedor; 4) a formação do empreendedor regula a *formação* do indivíduo eficiente no contexto do mercado. Daí, surge toda uma discussão sobre injustiças e desigualdade social, influenciada, também, por um determinado tipo de currículo na f*ormação* de um específico sujeito, que busca transformar essas questões em termos de qualidade. Entende-se que na existência de uma sociedade organizada pelo cinismo propiciada pela ganância individual, não se pode deixar de apreender os interesses particulares na reiterada *formação* desse tipo de sujeito de identidade egoísta, orientado para competir – o que transformaria a sociedade em um grande campo de guerra, mesmo que simbolicamente. Como diria Bourdieu (1998, p.145), estaria ativada "a luta de todos contra todos". Nesse sentido, o autor alerta: "a transição para o 'liberalismo' se faz de maneira insensível, logo imperceptível, como a deriva dos continentes, ocultando assim seus efeitos, mais terríveis a longo prazo.". (BOURDIEU, 1998, p. 146).

Essa ordem antiga e arcaica, conforme Bourdieu (1998), está subsumida nos textos por meio de uma linguagem encantatória, configurada principalmente mediante categorias descritivas e normativas: liberdade, empreendedorismo, planejamento, eficiência, neutralidade. Além disso, busca-se valorizar os conhecimentos técnicos da matemática, engenharias, idiomas modernos e tecnologias, como forma de melhor organizar as ações e, supostamente, antecipar os resultados. Por causa desse pragmatismo

[1] Provavelmente o discurso imputado ao Papa Francisco se refere à sua mensagem, direcionada ao diretório argentino do Comitê Pan-Americano de Juízes pelos Direitos Sociais; entre outras colocações, afirma que não pode haver justiça na desigualdade, nem desenvolvimento com pobreza. (COELHO, 2021).

produtivo, o qual interpreta-se fazer parte do sistema educacional atual promovido pelo neoliberalismo e suas fórmulas matemáticas, se edificam obstáculos para que outros conhecimentos possam incluir a formação integral no currículo escolar e, "como consequência, as humanidades, a cultura clássica e as ciências sociais são desvalorizadas dentro dos sistemas educacionais, e são promovidas, por exemplo, a matemática, a ciência, o conhecimento aplicado em geral e os idiomas modernos.". (SACRISTÁN, 2013, p. 33).

Essa "mentalidade calculadora", (BOURDIEU, 2001, p. 32), pela sua obsessão em prever os resultados como forma de ser eficiente e tecnicamente reproduzida, parece problemática quando se pretende englobar os efeitos (totalidade) da educação nessa lógica, e de qualquer forma, já estaria impregnada tanto nas práticas institucionais, quanto "nas trocas cotidianas" (BOURDIEU, 2001, p. 32). Segundo Sacristán (2013, p. 24-25, grifo nosso), há um repertório de conhecimentos especificamente educacionais, "[...] ainda que os resultados que possam ser obtidos não sejam quantificáveis para os *analistas tecnocráticos da qualidade da educação.*". Tal repertório é direito do aluno e ultrapassa as disciplinas, voltando-se aos seguintes tópicos:

www.revistafenix.pro.br

> 1. Ampliar as possibilidades e as referências vitais dos indivíduos, seja lá de onde vierem. Ou seja, crescer e se abrir para mundos de referência mais amplos deve ser uma possibilidade para todos, ainda que isso se dê de maneira distinta e em medida desiguais;
> 2. Transformar as crianças em cidadãos solidários, colaboradores e responsáveis, fazendo com que tenham experiências adequadas e sejam reconhecidas como cidadãos enquanto são educadas;
> 3. Fomentar nas crianças posturas de tolerância durante o próprio estudo das matérias, o que implica a transformação destas;
> 4. Consolidar no aluno princípios de racionalidade na percepção do mundo, em suas relações com os demais e em suas atuações;
> 5. Torná-los conscientes da complexidade do mundo, de sua diversidade e da relatividade da própria cultura, sem renunciar à sua valorização também como "sua", à valorização de cada grupo, cultura, país, estilo de vida, etc.;
> 6. Capacitá-los para a tomada democrática de decisões. (SACRISTÁN, 2013, p. 25).

Como é possível observar, essas sugestões de implementações curriculares transcendem os estreitos interesses da voga neoliberal e sua produtividade de um sujeito pragmático, matematicamente treinado para o mercado consumista /competidor/concorrente/individualista, tanto no campo da produção estrita de bens de consumo, como em defesa de sua linguagem. Outra vez, se a escola tem algum papel no

fortalecimento da simbologia neoliberal, é exatamente nesse aspecto sua efetiva contribuição. De acordo com Silva (2015), o problema é o treinamento inflexível para o mercado de trabalho, que desconsidera as necessidades e interesses de pessoas e grupos já prejudicados pela presente formação social: "mas essa redefinição neoliberal da educação como treinamento também tende a acentuar as presentes divisões na medida em que os esquemas propostos serão aplicados sobretudo às crianças e jovens das classes subalternas.". (SILVA, 2015, p. 25). Prosseguindo com os argumentos do autor, os membros de grupos privilegiados material e culturalmente, continuarão a buscar currículos e pedagogias que garantam seus investimentos em capital cultural. Sendo assim, o que é considerado para todos não se aplica, necessariamente, aos grupos já privilegiados – como, no caso, a estreita noção de *Educação de Qualidade*.

Nesse sentido, a intencionalidade do controle social de determinados indivíduos fica evidente por meio de um currículo reprodutivista, viabilizando a questão: será que se pode enquadrar o Objetivo 4, que trata da Educação de Qualidade, nesse contexto?. Reflete-se que essa forma limitada de pensar a formação humana é discriminadora, e consequentemente reproduz um sistema social que tende a beneficiar um pequeno grupo. É preciso que a educação seja pensada em um processo mais complexo, capaz de transformar as pessoas (cada uma delas) para conviver em uma sociedade que muda constantemente, pontuando a necessidade de que todos sejam posicionados em lugares dignos e solidários. Segundo Arendt (2016, p.234), "a educação está entre as atividades mais elementares e necessárias da sociedade humana, que jamais permanece tal qual é, porém se renova continuamente através do nascimento, da vinda de novos seres humanos", a autora acrescenta, ainda, que "Esses recém-chegados, além disso, não se acham acabados, mas em um estado de vir a ser" (p. 234). Percebe-se, consoante aos objetivos da análise, que esse inacabamento do sujeito não tem que buscar sua *completude* através do discurso neoliberalista, o qual, conforme Hayek (2022) – o pai do neoliberalismo, citado no início desse estudo –, intenciona estabelecer a concorrência entre os indivíduos como modo de organização social. Esse pensamento pode ser julgado violento no que fortalece a exclusão social, requerendo intervenção efetiva da escola pública.

www.revistafenix.pro.br

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O corpus escolhido para a análise é o Objetivo 4 da Agenda 2030-ONU. Esse objetivo se distribui em dez (10) metas, sendo que a presente pesquisa tem como foco as metas 4.2, 4.3, 4.4, 4.6, 4.b e 4.c. priorizadas após julgar-se incisivas na aquisição do objetivo da pesquisa. Para tanto, o processo metodológico alicerçou-se na análise de discurso baseada em Charaudeau (2016), no propósito de melhor conduzir as finalidades da presente pesquisa. Assim, buscou-se encaminhar a investigação por meio de três princípios que, segundo Charaudeau (2016), fundamentam a análise de um discurso compreendido, aqui, como ato de linguagem específico – caso da totalidade das metas selecionadas.

As três advertências propostas por Charaudeau (2016) na análise de um discurso, e que auxiliaram na produção da interpretação dos dados, são: 1) na análise de um discurso não se pode pretender abarcar a totalidade do discurso analisado; 2) deve-se, sim, evidenciar os possíveis interpretativos, que se cristalizam, na interconexão da produção e interpretação do ato de linguagem; 3) o sujeito analista do discurso, ao comparar, ressaltar constantes e variáveis em sua análise, tem como função coletar pontos de vista, sobre o objeto em análise.

www.revistafenix.pro.br

Após leitura atenta do texto-discurso promovido como corpus dessa pesquisa, foram elencadas as advertências citadas acima. Bem como, procurou-se por contribuições, particularmente, na Sociologia da Educação, além de autores que produziram suas obras em outras áreas, a exemplo dos Estudos Culturais, pedagogia e linguagem. Tem-se, portanto, como principais categorias de análise: neoliberalismo e o currículo da Educação de Qualidade contido na Agenda 2030, elaborada pelas Organizações das Nações Unidas. Na seção abaixo, segue-se o desenvolvimento da análise.

RESULTADOS E ANÁLISE

A Agenda da Organização das Nações Unidas para ser alcançada em 2030, foi iniciada em janeiro de 2016. Neste documento de política internacional (e internacionalizante), mais econômica que social, há 17 objetivos subdivididos em 169 metas. Considerada como propícia ao Desenvolvimento Sustentável, questiona-se sua pretensão à universalidade e consequentemente, neutralidade – atributo que, alegadamente, a faria adaptável para toda e qualquer realidade. Nisso, parece se tratar

mais de um metadiscurso ideologicamente configurado na invenção reprodutiva de realidades particulares, logo, advindo do imperialismo cultural e modo de organização social (neoliberalismo), do que da democratização e inclusão material e cultural sem exceção dos indivíduos.

Compreende-se em tal Agenda, principalmente na parte direcionada à *Educação de Qualidade* (Objetivo 4), contribuições ao *status quo* de uma sociedade despolitizada, voltada ao empreendedorismo/competição. Dessa forma, deletéria à educação pública, no que ressaltaria o treinamento dos indivíduos para a concorrência, individualidade e detenção de um capital cultural tecnicista ou semitecnicista. Este último, obtido por meio de credenciais adquiridas às suas próprias custas, seria capaz de promover eficiência e sucesso em relação aos concorrentes, ocasionando em um sujeito autoconsciente, autônomo, livre e autossuficiente. Mas, na contemporaneidade, sabe-se que o sujeito é uma instância pós-social, isto é, relacional, formado através das influências oferecidas pela presença do outro (BAKHTIN, 2011; SILVA, 2014; WOODWARD, 2014; HALL, 2019), o que faz das afirmações afinadas com uma ideia fixa e autônoma de identidade do sujeito, arcaicas e obsoletas, como é o caso do pensamento neoliberal formado por uma pretensa Educação de Qualidade.

Segundo Sacristán (2013), o mercado é quem regulariza a Educação de Qualidade, enquanto que para Bourdieu (2001), o imperialismo se propaga pelas instâncias internacionais. Consoante Charlot (2013), a ideia neoliberal de Educação de Qualidade surge da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), interligada aos interesses neoliberais. Nesse sentido, compreende-se que o currículo proposto pelo Objetivo 4 da Agenda 2030-ONU se pauta por essa concepção de educação. Em seguida, apresenta-se algumas das metas do referido objetivo, julgadas como suficientes para ilustrar as premissas mercadológicas introjetadas no discurso da Agenda 2030.

Tabela 1. Objetivo 4. Assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todas e todos

4.2 Até 2030, garantir que todos as meninas e meninos tenham acesso a um *desenvolvimento de qualidade* na primeira infância, cuidados e educação pré-escolar, de modo que eles *estejam prontos para o ensino primário*;
4.3 Até 2030, assegurar a igualdade de acesso para todos os homens e mulheres à *educação técnica*, profissional e *superior de qualidade*, a *preços acessíveis*, incluindo universidade;

4.4 Até 2030, aumentar substancialmente o número de jovens e adultos que tenham *habilidades relevantes*, inclusive *competências técnicas* e profissionais, para emprego, trabalho decente e *empreendedorismo*;
4.6 Até 2030, garantir que todos os jovens e uma substancial proporção dos adultos, homens e mulheres estejam alfabetizados e tenham adquirido o *conhecimento básico de matemática*;
4.b Até 2020, substancialmente ampliar globalmente o número de bolsas de estudo para os países em desenvolvimento, em particular os países menos desenvolvidos, pequenos Estados insulares em desenvolvimento e os países africanos, para o ensino superior, *incluindo programas de formação profissional, de tecnologia da informação e da comunicação, técnicos, de engenharia e programas científicos* em países desenvolvidos e outros países em desenvolvimento;
4.c Até 2030, substancialmente aumentar o contingente de *professores qualificados*, inclusive por meio da *cooperação internacional* para a formação de professores, nos *países em desenvolvimento*, especialmente os *países menos desenvolvidos* e *pequenos Estados insulares em desenvolvimento*.

Fonte: ONU (2015, grifo nosso).

A meta 4.2 apresenta dois fatores importantes e questionáveis. Primeiro, a educação pré-escolar deve ser um prelúdio ao ensino primário (Ensino Fundamental), assim, fica patente o intento desse tipo de narrativa quanto à previsão dos resultados alcançados. Isso, por sua vez, parece estar de acordo com as palavras de Sacristán (2013) ao ressaltar que o pensamento tecnicista tem uma obsessão pela previsibilidade, ou seja, pelo que pode ser eficaz e mensurável, interditando, nisso, o pensamento que especula, critica e descobre. Outro aspecto relevante nessa meta é a ideia de *desenvolvimento de qualidade*; seria qualidade do ponto de vista mercadológico, da individualidade e da violência provocada pela incitação à concorrência, ou estaria voltado para a formação integral dos jovens e crianças como seres sociais e culturais?

www.revistafenix.pro.br

Segundo Charlot (2013), o problema não está na questão da qualidade ou eficácia, mas, sim, em buscar compreender o que se quer afirmar quando se vale dessas categorias. Certamente, é preciso uma educação efetivamente de qualidade e que seja eficiente na resolução dos problemas enfrentados pelos indivíduos, enquanto residentes em uma complexa sociedade e em constante interação com outros sujeitos sociais. Porém, como ressaltado por Silva (2015), o problema da narrativa liberal está na concepção de uma qualidade na educação focada no lucro, que não teria as pessoas como referência e, sim, o desenvolvimento do mercado. Desse modo, é o assalto neoliberal logo da infância, mediante uma suposta Educação de Qualidade.

Nessa linha de raciocínio, pode ser observado na meta 4.3 uma expressiva incitação ao individualismo, através da busca do capital cultural às próprias custas. Para o sistema neoliberal, o sujeito autônomo, livre (mas, já inserido em um sistema pré-

configurado, discursivamente formatado pelo neoliberalismo), eficiente e detentor das credenciais favoráveis à sua promoção, para além de apresentar-se como regalias individuais do sujeito educado (SACRISTÁN, 2013), garante um currículo competitivo. Assim, se o sujeito fracassar em suas buscas pelo melhor posicionamento na escalada dos privilégios, tais efeitos negativos são imputados tão-somente a sua falta de melhor preparo técnico, no sentido de maior *bagagem cultural*, a qual lhe permite um acúmulo de capital cultural competitivo em relação a seus concorrentes, que almejam os mesmos benefícios individuais. Esse é um dos principais problemas argumentados pelos autores críticos e pós-críticos, que analisam os fatores de exclusão e violência oriundos desse modelo de sociedade – culpar o indivíduo por seu infortúnio, como se ele estivesse isolado das complexas relações sociais.

Conforme Bauman (2015), as vítimas dos deletérios efeitos da atual organização social são publicamente responsabilizadas pelas consequências sofridas. Dessarte, não há o hábito da contextualização dos problemas individuais, e nessa mesma perspectiva, Harvey (2014), ao analisar os pressupostos da ofensiva neoliberal, ressalta que no entendimento da *doxa*[2] do neoliberalismo, o indivíduo é o principal responsável pelo seu sucesso ou fracasso, ignorando outras dimensões nas quais o sujeito está relacionado.

Na *formação* do empreendedor de sucesso, a meta 4.4 ressalta a *formação* técnica por meio da competência em habilidades relevantes, e aqui, com mais assertividade, a escola pública é hostilizada. Ao interpretar o discurso neoliberal, Harvey (2014) destaca que o entendimento do indivíduo de sucesso, para essa ideologia, passa pelo bom uso das habilidades empreendedoras adquiridas por meio do acúmulo de capital cultural. Se por acaso houver fracassado é, simplesmente, pela falta desses recursos que podem ser conseguidos pela educação – assim, o sucesso individual é sinônimo de "virtudes empreendedoras", e o fracasso, de "falhas pessoais.". (HARVEY, 2014, p. 76). Nesse seguimento, segundo o autor, para essa teorização não podem ser considerados motivos de fracasso, por exemplo, as exclusões de classe, com efeito, responsabilizando o sistema capitalista.

De acordo com Sacristán (2013), nesse tipo de discurso pragmático produtivista, a ênfase recaí no conceito de competência em lugar de formação, configurando um problema a ser enfrentado pela escola pública. Porém, sabe-se que a BNCC está fundamentada no discurso do desenvolvimento de competências, além de estar

[2] Palavra de origem grega, que significa crença comum, ou senso-comum como está sendo utilizada na presente pesquisa.

interligada com os objetivos da Agenda 2030-ONU e, portanto, com a Educação de Qualidade. Como o currículo escolar está interessado na formação de sujeitos específicos (SILVA, 2013), se pode considerar o sujeito neoliberal como um empreendedor; Lansley, ao ser citado por Bauman (2015), ressalta que, segundo a ortodoxia econômica, a desigualdade é um aspecto importante na condução do crescimento mais rápido por conta do fomento do empreendedorismo – ou, competição. Nessas circunstâncias, neoliberalismo, desigualdades sociais, empreendedorismo, competências, habilidades técnicas e Educação de Qualidade constituiriam um conjunto, em uma percepção de que se aproxima da instauração, de acordo com Bourdieu (1998), da luta de todos contra todos em uma guerra sem fim, rumo às conquistas pessoais.

O raciocínio proferido por Sacristán (2013) vai de encontro com a meta 4.6, na qual justaposto ao conceito de alfabetização, está presente o cuidado com a aprendizagem da matemática. Conforme Sacristán (2013), no discurso produtivo voltado ao mercado (neoliberalismo), são valorizados os conhecimentos aplicados, as ciências, engenharias, os idiomas modernos e os conhecimentos matemáticos, em detrimento das humanidades, da cultura clássica e das ciências sociais. Parafraseando Bourdieu (2001), essa mentalidade calculadora do currículo da Educação de Qualidade, impregnado na Agenda 2030-ONU, pretende se tornar senso comum nas práticas cotidianas e institucionais. O problema identificado nesse caso é a busca por transformar situações de desigualdades sociais e injustiça em questões de administração de recursos e mais qualidade. (SILVA, 2015). Todavia, permanecem aprofundadas exclusões já existentes para determinados grupos e indivíduos sociais e culturais, material e simbolicamente. Os efeitos da valorização em demasia nos domínios lógico-matemático se aplicam não só ao âmbito educacional, mas, também, ao restante da sociedade. Com isso, é possível compreender a falta que faz uma formação integral e político-humanista para além das questões funcionais. Trata-se de um dos desafios inadiáveis da escola contemporânea, em um contexto de promoção exagerada em competências, habilidades e empreendedorismo com ênfase no lucro, ocasionando em mais mercado e menos Estado Social.

Peremptoriamente, a meta 4.b representa em seu argumento o discurso neoliberal, pensando na qualidade do treinamento de determinados grupos e indivíduos. Os efeitos do conhecimento técnico são amplamente incentivados na *formação* dos sujeitos posicionados em lugares ainda não desenvolvidos, e eis, aqui, o que se denomina de neodarwinismo social. (BOURDIEU,1998; 2001). Segundo Bourdieu (1998, p. 58), "[...] a força da ideologia neoliberal se apoia em uma espécie de neodarwinismo social:

www.revistafenix.pro.br

são 'os melhores e os mais brilhantes', como se diz em Harvard, que triunfam.", logo, são indivíduos não desenvolvidos (ver. meta 4.c) do ponto de vista de um etnocentrismo mercadológico e cultural, relacionando-se com uma noção mais próxima de justificar o imperialismo neoliberal com suas lógicas matematicamente divisórias, do que interessadas na inclusão efetiva das pessoas consideradas não desenvolvidas.

Novamente, a centralização dessa meta (4.b) ao recair sobre o saber técnico, a engenharia e outras tecnologias, em detrimento das humanidades e ciências sociais, parecem indicar um treinamento estreito, do que propriamente a formação de sujeitos posicionados como cidadãos. Conforme Sacristán (2013), nessa teorização o conceito de formação é substituído pelo de competência, ou seja, competentes em habilidades técnicas de produção. Esse entendimento está de acordo com as colocações de Sader (2012) e Anderson (2012), ao informar que o neoliberalismo intenciona transformar todos os aspectos sociais à sua imagem, e dessa maneira, construir um dicionário com as categorias que fundamentam seu discurso explicativo e normativo.

Esse modo de compreender o papel de determinados indivíduos é ultrapassado. Reflete-se que a mentalidade matemática, formada no interior de um universo logicamente calculado, não passaria de uma ilusão. Isto é, os neoliberais edificariam um mundo matematicamente compreensível, restando apenas administrá-lo por meio de recursos técnicos de gerenciamento, direcionando as energias individuais na sua produção e reprodução – para tanto, devendo contar, também, com a educação escolar, entre outras formas de inculcação discursiva. Nisso, ignora-se que as pessoas são criadoras ou produtoras, e sujeitos capaz de transgredir e resistir, dado que não se encaixam em equações da lógica matemática – ou, nas abstrações dos discursos neoliberais. Seria um ato de estultice[3] (com o exato significado usado por Veiga-Neto, 2021) ambicionar enquadrar o ser humano nesse escalonamento, por isso, tem-se questionado a formação integral no escopo de um Estado Social (um Estado Social em relação a um Estado Neoliberal – excludente -, (ver. BOURDIEU, 2001; 1998; BAUMAN, 2013)). Para esses autores, a saída dessa armadilha é pela racionalidade coletiva e cooperação solidária entre os sujeitos, e não pela ação individual, afinal, o indivíduo não está isolado da sociedade ou das relações humanas com o outro, como parece sugerir a crença neoliberal e suas táticas de disseminação associadas, aqui, com o conceito de Educação de Qualidade.

[3] São atos estúpidos, sem sensatez ou bom discernimento, néscio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O neoliberalismo enquanto forma específica de discurso político, no que pretende produzir a cultura da concorrência, aguça a competição entre indivíduos. Muitas vezes essa corrida é desleal, pois os recursos materiais e simbólicos que podem ser utilizados como instrumentos nessa arena, são distribuídos de modo desigual, sendo que a própria desigualdade se torna um aspecto relevante nessa ideologia. De fato, há o interesse na transformação do público em questão de mercado, voltando-se para a luta de todos contra todos, e nesse âmbito, se verifica que tudo deve ter um preço. Assim, a escola pública e seus esforços são ameaçados por interesses tecnicistas/produtivistas, na reprodução de um sistema que se encontra expressamente contrário ao Estado Social.

Nesse contexto de imperialismo neoliberal, foi analisado um texto de política internacional contido na Agenda 2030-ONU, que em seu Objetivo 4 trata especificamente da ideia de *Educação de Qualidade*. A presente investigação abrangeu reflexões acerca de como crenças no individualismo podem ser sinônimo de mais violência e desigualdades entre as pessoas. Tal sujeito, por ser pensado em uma perspectiva de identidade autônoma, livre e autoconsciente, é considerado semelhante à identidade proposta pelo sujeito cartesiano do século XVII – em relação ao sujeito pós-moderno, sem ter um núcleo fixo, é multicultural, de identidade adiada, de identificação contextual. Todavia, é um sujeito pós-social. E, diferente do que propõe o pensamento matemático-administrativo neoliberal, sugere-se, aqui, um currículo escolar que busque a formação integral, levando em conta as necessidades das pessoas, em um ponto de vista humanista, mas não essencialista, além dos interesses dos sujeitos educandos, principalmente em suas manifestações culturais.

Portanto, o neoliberalismo, com sua pretensão de aculturação ideológica de um sujeito egoísta e apaixonado pelo sucesso, tem no currículo escolar uma de suas principais táticas de ofensiva. O problema não está exatamente no objetivo de *formar* o sujeito para executar tarefas práticas, mas, sim, dar ênfase a esse aspecto da vida em sociedade em detrimento de outras dimensões tão, ou mais, fundamentais, do que o parco treinamento mercadológico, como parece estar evidente no currículo da Educação de Qualidade da Agenda 2030-ONU. Inclusive, a justificativa do referido objetivo está centralizado na formação técnica para o empreendedorismo – e como esse treinamento é

www.revistafenix.pro.br

oferecido a preço acessível ao empreendedor-consumidor, logo, a escola pública, portanto, sua cultura estar em risco.

A partir desse cenário, foi formulado o seguinte problema: por que a mentalidade calculadora não pode direcionar a Educação de Qualidade na escola pública? Assim, destaca-se o interesse em analisar os motivos para que o pensamento lógico-matemático proposto pelo neoliberalismo não possa ser relacionado com as práticas inclusivas da totalidade das pessoas. Os resultados encontrados apontam uma crescente ampliação e aprofundamento das desigualdades sociais e culturais, exigindo pesquisas rigorosas que busquem compreender e auxiliar as práticas da escola pública. Por conseguinte, é essencial ressaltar as conquistas dos movimentos sociais, alinhadas com a necessidade da análise e esforços coletivos no propósito de desenvolver meios de resistência contra a ofensiva neoliberal.

Alguns dos limites dessa pesquisa estão, primeiramente, na falta considerável de materiais que podem ter um olhar crítico do tipo de discurso contido na Agenda 2030-ONU. Posto isto, coloca-se a recomendação de que os professores e educadores sociais procurem desconfiar de todo e qualquer texto-discurso, principalmente de instâncias internacionais, e mesmo que seja escrito a várias mãos. Isso porque, nesses textos, pode haver colaboração consciente ou inconsciente no implemento de imperialismos ideológicos, os quais são mais deletérios do que benéficos para a cultura e a vida prática na sociedade. Os efeitos do neoliberalismo podem surgir a longo prazo, e talvez, por isso, as instâncias públicas já não estejam disponíveis para dialogar democraticamente sobre os problemas sociais e culturais que afetam a todos e todas, uma vez que a formação se transformou em competências técnicas, e as ações coletivas se moldaram às questões individualistas.

www.revistafenix.pro.br

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo. In. SADER, Emir; GENTILI, Pablo (Org.s.). **Pós-neoliberalismo:** as políticas sociais e o Estado democrático. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro.** – São Paulo: Perspectiva, 2016.

BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal.** – 6. ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **A riqueza de poucos beneficia todos nós?** – 1. ed. - Rio de Janeiro:

Zahar, 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Sobre educação e juventude:** conversas com Riccardo Mazzeo. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **Contrafogos 2:** por um movimento social europeu. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BOURDIEU, Pierre. **Contrafogos:** táticas para enfrentar a invasão neoliberal. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação.** – 16. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **Os herdeiros:** os estudantes e a cultura. – 2. ed. – Florianópolis: Editora da UFSC, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Governo Federal. **Base Nacional Comum Curricular**, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/ Acesso em: 16 abril 2023.

COELHO, Penélope. **Papa Francisco fala sobre desigualdade e fome:** "não há desenvolvimento com pobreza". Publicado em 04/10/2021, às 08h01... Disponível em: https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/historia-hoje/papa-francisco-fala-sobre-desigualdade-e-fome-nao-ha-desenvolvimento-com-pobreza.phtml Acesso em: 04 maio 2023.

COLLINS, Patrícia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade.** – 1. ed. – São Paulo: Boitempo, 2020.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso:** Modos de organização. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas.** – 1. ed. – São Paulo:Cortez, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade.** – 12ª ed. – Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz T. da. (Org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 103-133.

HARVEY, David. **O neoliberalismo:** história e implicações. – 5. ed. – São Paulo: Edições Loyola, 2014.

HAYEK, Friedrich A. Von. **O caminho da servidão.** – 2. ed. – São Paulo: LVM Editora, 2022.

ONU. Organização das Nações Unidas. **Plataforma Agenda 2030 –** acelerando as transformações para a Agenda 2030 no Brasil. Disponível em: https://brasil.un.org/pt-br/91863-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustentavel Acesso em: 17 jan. 2023.

SACRISTÁN, José Gimeno. **Por que nos importamos com a educação no futuro?** In.

www.revistafenix.pro.br

IMBERNÓN, Francisco; JARAUTA, Beatriz. (Org.s). Pensando no futuro da educação:

uma nova escola para o século XXII. – Porto Alegre: Penso, 2015. p. 11-18.

SACRISTÁN, José. Gimeno. O que significa o currículo. In. SACRISTÁN, José. Gimeno. (Org.). **Saberes e incertezas sobre o currículo.** – Porto Alegre/RS: Penso, 2013. p. 16-35.

SADER, Emir et. al. A trama do neoliberalismo: mercado, crise e exclusão social. In.

SADER, Emir; GENTILI, Pablo (Org.s.). **Pós-neoliberalismo:** as políticas sociais e o Estado

democrático. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A "nova" direita e as transformações na pedagogia da política e na

política da pedagogia. In. GENTILI, Pablo A. A; SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.s).

Neoliberalismo, qualidade total e educação: visões críticas. – 15. ed. – Petrópolis, RJ:

Vozes, 2015. p. 11-30.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença In: SILVA, Tomaz T. da. (Org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 73-102.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Currículo e identidade social: Territórios contestados. In. SILVA, Tomaz. T. da. **Alienígenas na sala de aula** (Org.). – 11. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 185-201.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz T. da. (Org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 7-72.

VEIGA-NETO, Alfredo. Mais uma Lição: sindemia covídica e educação. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 45, n. 4, e109337, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/edreal/a/FtpkV5RY3Q64nvBdvxbSXwg/?format=pdf&lang=pt Acesso em: 16 abril 2023.

www.revistafenix.pro.br

Recebido em: 18/05/2023
Parecer dado em: 10/08/2023